

# Bota fogo nisso!

máquina de escrever MESSA sobre papel / 210 x 145  
mm  
2017

*um projeto liderado por zetavares que foca os  
incêndios que nos assolaram  
escrito como pela boca de um comum mortal*

<http://visao.sapo.pt/coracao-no-centro-de-portugal/2017-12-01-Um-postal-para-que-depois-dos-incendios-nada-fique-igual>

que abater árvores para criar es  
odo de sensibilização pelos recen  
mais que nos têm anualmente assal  
menor..., todavia eu chamo-lhe de  
pidez completa.

eu pra tar aqui armado em radical  
gar prò que se passa neste país.  
o ardeu nem sou um labrego bronco  
inhas e porcos. Sinceramente quer  
reza e do que "deixamos para os  
o v ou andar por cá para me preocu  
a. Não é verdade?  
o tu... cansado d'ouvir o povinho  
r tudo e por nada. Que ma l tem un  
colá?

Bota fogo nisso

~~XXXXXXXXXX~~

# SOBRE

Poderia dizer que abater árvores para criar estes alertas, em modo de sensibilização pelos recentes fogos e os demais que nos têm anualmente assaltado, seria um mal menor..., todavia eu chamo-lhe de XXXXXXXX estupidez completa.

Mas quem sou eu pra tar aqui armado em radical?

Estou-me a cagar prò que se passa neste país. A minha casa não ardeu nem sou um labrego bronco que ficou sem galinhas e porcos. Sinceramente quero lá saber da natureza e do que "deixamos para os nossos descendentes"... não ando por cá para me preocupar com essa porra. Não é verdade?

Eu cá sou como tu... cansado d'ouvir o povinho a queixar-se por tudo e por nada. Que mal faz um lume aqui e acolá?

ria dizer que abater árvores para criar estas  
tas, em modo de sensibilização pelos recentes  
s e os demais que nos têm anualmente assaltado,  
a um maã menor..., todavia eu chamo-lhe de  
~~XXXX~~ estupidez completa.

quem sou eu pra tar aqui armado em radical?  
u-me a cagar pro qu e se passa neste país. A  
a casa não ardeu nem sou um labrego bronco que  
u sem galinhas e porcos. Sinceramente quero lá  
r da natu reza e do que "deixamos para os nossos descen-  
es"... não v ou andar por cá para me preocupar  
essa porra. Não é verdade?  
á sou como tu... cansado d'ouvir o povinho a  
kar-se por tudo e por nada. Que ma l tem um  
aqui e acolá?

Bota fogo nisso!





**AMANITA  
BUNKER**

**FACEBOOK/AMANITABUNKER · OBRA DE ENVIDE NEFELIBATA**

Apoio: Sá Pinto Encadernadores

Acrescente a sua mensagem e faça chegar este postal a quem precise de ser lembrado que nada pode ficar igual depois dos incêndios de 2017 em Portugal.

.....

.....

.....

# DEPOIMENTOS

Nos dias que se seguiram ao incêndio de 15 de outubro, José Tavares percorreu o rasto que o fogo deixou na região de Tondela de máquina fotográfica na mão, apontando à paisagem desoladora e à destruição da floresta. “Um registo para memória futura”, diz o designer gráfico e cenógrafo da companhia Trigo Limpo Teatro ACERT, para nos contar a história da fotografia de uma casa abandonada, a meio caminho que segue para lado nenhum, que agora integra uma coleção de 10 postais criada com um objetivo simples: passar a mensagem de que nada pode ficar igual depois dos incêndios deste ano em Portugal, e fazê-la chegar a outras pessoas.

À fotografia de José Tavares, juntam-se outras duas: a de uma flor que nasce miraculosamente na terra queimada, de Carlos Fernandes, natural do Caramulo; e a de uma árvore consumida pelas chamas, numa paisagem rodeada de eucaliptos, de Miguel Valle de Figueiredo, ex-diretor de fotografia da revista Volta ao Mundo, nascido em Tondela. “Convidámos pessoas que ou têm raízes nesta região ou colaboram com a ACERT”, explica José Tavares. É o caso da jornalista freelancer Sara Figueiredo Costa que se fez valer das palavras em dois postais. “Juntas, câmaras, municípios, governos, associações, instituições... tudo isso são espaços onde podemos e devemos entrar e perguntar pelas árvores que arderam, pelas casas que se desfizeram em cinzas, pelos animais perdidos”, lê-se num deles. Já na ilustração de Tiago Sami Pereira, a esperança vive num pequeno vaso que guarda uma flor de pétalas amarelas.

## UMA MENSAGEM EM FORMA DE POSTAL

A coleção de 10 postais é uma iniciativa dos Amanita Bunker, grupo de seis amigos que partilham o gosto e o interesse por cogumelos silvestres (amanita é um fungo de chapéu vermelho e pintinhas brancas, explique-se já o nome). Para contar melhor a história, chamamos à conversa Sílvia Leão. “Participamos desde 2014 no Festival dos Míscaros de Alcaide, aldeia do concelho do Fundão, com uma banca de degustação de cogumelos silvestres, onde as pessoas podem também aprender a identificar espécies, participar em conversas à volta dos saberes populares e do conhecimento científico dos fungos”, começa por contar a enfermeira de 45 anos. “Com os incêndios, não tínhamos cogumelos para levar à edição deste ano do festival, que acontece sempre em novembro. E decidimos, por isso, montar uma cozinha na rua onde preparámos um risotto feito com cogumelos desidratados que tínhamos guardado e distribuir os postais, como forma de chamar a atenção das pessoas de que face ao que aconteceu, é preciso fazer alguma coisa. Porque os incêndios – e estes períodos de seca também – vão continuar a

acontecer”, acredita. “É urgente que a sociedade repense o seu papel, que não passa só pela limpeza do terreno em volta da casa ou em fechar a torneira, enquanto lavamos os dentes”.

Sílvia Leão mora em Tondela e trabalha no hospital da cidade. Também faz acompanhamento dos alunos da Escola de Enfermagem de Viseu, e não raras as vezes cruza-se com os camiões que andam a abastecer a cidade neste último mês e meio. De Alvarim, aldeia onde nasceu e vive a mãe, conta que os bombeiros nem sequer lá conseguiram chegar. “Não morreu ninguém”, diz-nos a enfermeira que passou a noite de 15 para 16 de outubro em claro, sem nada saber da mãe e do irmão, que tinha ido em seu socorro. “Quem, com sorte, não ficou sem casa, abre a porta e só vê negro em volta. E isso é muito confrangedor. As pessoas vão demorar muito tempo a retomar a normalidade.”

No postal da autoria de Anabela Marisa Azul, bióloga e investigadora na Universidade de Coimbra, lemos “As árvores não crescem sós”. E a ilustração de Envide Nefelibata, nome artístico de Ruben Gomes, membro fundador e diretor plástico da companhia Teatro e Marionetas de Mandrágora, desassossega-nos o espírito e põe-nos a pensar. “Estou-me a cagar prò que se passa neste país. A minha casa não ardeu nem sou um labrego bronco que ficou sem galinhas e porcos. Sinceramente quero lá saber da natureza e do que ‘deixamos para os nossos descendentes’... não vou andar por cá para me preocupar com essa porra. Não é verdade?”.

*- Inês Belo, José Carlos Carvalho, André Moreira / 2017*

# HISTÓRICO

2017

"Amanita Bunker" // Alcaide, Portugal

